

# A PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS COMO RECURSO DIDÁTICO TIC PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA: METODOLOGIA E PROPOSTA DE TRABALHO

*LA PRODUCCIÓN DE DOCUMENTALES COMO RECURSO TIC PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA E HISTORIA: METODOLOGÍA E PROPUESTA DE TRABAJO*

## JUAN CARLOS COLOMER RUBIO

*Doutor em História e Mestre em Pesquisas em didáticas específicas (Universitat de València)*

*Professor da Universitat de València*

juan.colomer@uv.es

## YAN NAVARRO

*Graduado em Geografia (UERJ) e Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas sociais (ENCE), Doutorando em Geografia (UERJ)*

*Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia (NEPAG)*

*Professor do Colégio Pedro II (Campus Realengo II)*

yannavarro@gmail.com

**RESUMO:** NOS ÚLTIMOS ANOS ESTAMOS ASSISTINDO A UMA MUDANÇA DE PARADIGMA EDUCATIVO. A INCLUSÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NAS AULAS ESTÁ TRANSFORMANDO AS FORMAS DE ENSINAR E TRANSMITIR CONHECIMENTOS, ASSIM COMO O MODO EM QUE OS ALUNOS UTILIZAM OS CONTEÚDOS E OS APLICAM EM SUA VIDA DIÁRIA. É FUNDAMENTAL, PORTANTO, DOTAR ESSAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S) DE UM PAPEL CONCRETO NA EDUCAÇÃO COM PROPOSTAS DE INSERÇÃO EM ATIVIDADES PARA TRABALHAR, POR EXEMPLO, NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. O PRESENTE ARTIGO, FRUTO DE PRÁTICAS REALIZADAS NAS AULAS EM CONTEXTOS ESCOLARES E UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL E NA ESPANHA, PRETENDE APRESENTAR OS RESULTADOS DA UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS NO ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. O DOCUMENTÁRIO PERMITE A INCORPORAÇÃO DE DIVERSOS RECURSOS QUE INSERIDOS EM UMA HISTÓRIA AUDIOVISUAL CONCRETA ASSIM COMO TRABALHAR UMA INFINIDADE DE ASPECTOS TRADICIONALMENTE RESERVADOS AOS LIVROS DIDÁTICOS. O ARTIGO APRESENTARÁ, PORTANTO, EXEMPLOS DA APLICAÇÃO DESSA METODOLOGIA EXPLICANDO NAS DIFERENTES PARTES DO TRABALHO OS PRINCIPAIS PONTOS DESDE SUA PRODUÇÃO ATÉ A AVALIAÇÃO. ISSO POSSIBILITARÁ CONHECER UMA PROPOSTA CONCRETA DE TRABALHO DENTRO DA DIDÁTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, CUJA APLICAÇÃO GEROU ASPECTOS MUITO POSITIVOS ONDE FOI LEVADA A CABO.

**PALAVRAS-CHAVE:** TRABALHO COLABORATIVO; PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS; TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.

**RESUMEN:** EN LOS ÚLTIMOS AÑOS ESTAMOS ASISTIENDO A UN CAMBIO EN EL PARADIGMA EDUCATIVO. LA INCLUSIÓN DE LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS EN LAS AULAS ESTÁ COMPORTANDO CAMBIOS EN LAS FORMAS DE ENSEÑAR Y TRANSMITIR CONOCIMIENTOS, ASÍ COMO EN EL MODO EN QUE EL ALUMNO/A UTILIZA LOS CONTENIDOS Y LOS APLICA EN SU VIDA DIARIA. ES FUNDAMENTAL, POR TANTO, DOTAR A ESTAS NUEVAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN (TIC) DE UN PAPEL CONCRETO EN LA EDUCACIÓN CON PROPUESTAS DE INSERCIÓN EN ACTIVIDADES PARA TRABAJAR, POR EJEMPLO, LAS CIENCIAS SOCIALES. LA PRESENTE COMUNICACIÓN, FRUTO DE UNAS PRÁCTICAS EN EL AULA EN VARIOS CONTEXTOS ESCOLARES Y UNIVERSITARIOS DE BRASIL Y ESPAÑA, PRETENDE PRESENTAR LOS RESULTADOS DE LA UTILIZACIÓN DEL RECURSO DOCUMENTAL EN VIDEO PARA EL TRABAJO DE CONTENIDOS EN CIENCIAS SOCIALES. EL DOCUMENTAL PERMITE LA INCORPORACIÓN DE MULTITUD DE RECURSOS TIC QUE, INSERTOS EN UNA HISTORIA AUDIOVISUAL CONCRETA, FACILITA EL TRABAJO CON UNA INFINIDAD DE ASPECTOS RESERVADOS TRADICIONALMENTE AL LIBRO DE TEXTO. LA COMUNICACIÓN PRESENTARÁ, POR TANTO, EJEMPLOS DE LA APLICACIÓN DE ESTA METODOLOGÍA EXPLICANDO LAS DIFERENTES PARTES EN LAS QUE SE DIVIDE ESTE TRABAJO Y LOS PUNTOS A TENER EN CUENTA DE CARA A SU EVALUACIÓN POR MEDIO DE UNA RÚBRICA. ELLO POSIBILITARÁ CONOCER UNA PROPUESTA CONCRETA DE TRABAJO POSIBLE DESDE LA DIDÁCTICA DE LAS CIENCIAS SOCIALES Y CUYA APLICACIÓN HA GENERADO ASPECTOS MUY POSITIVOS EN LOS ENTORNOS ESCOLARES Y UNIVERSITARIOS DONDE SE HA LLEVADO A CABO.

**PALABRAS-CLAVE:** TRABAJO COLABORATIVO; PRODUCCIÓN DE DOCUMENTALES; TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y COMUNICACIÓN.

## INTRODUÇÃO

Neste início de século XXI estão acontecendo profundas mudanças na educação geradas pelo aumento do questionamento do papel dos professores e da escola em uma perspectiva mais tradicional de educação, e a presença cada vez maior da Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) nas escolas. Estas tecnologias ainda não fazem parte do material didático dos alunos da maior parte das instituições, mas estão presentes nas escolas mesmo sem ser convidadas - smartphones, tablets, smartwatches, notebooks, etc. Depende de nós, professores, optar por ignorar essas tecnologias ou utilizá-las da melhor maneira possível na busca de uma educação que possa gerar uma transformação no aluno, em um cidadão crítico e criativo que questiona a sociedade, a fim de transformá-la.

Junto com isso, o uso do livro didático como recurso no ensino de Geografia e História continua a ser o protagonista em diversos cenários educativos do Brasil e da Espanha. Poucos professores, seja por ignorância ou falta de treinamento, incorporam o uso das TICs como um recurso no ensino de História ou Geografia. A partir dessa realidade, apresentamos uma proposta aplicada com sucesso para ser utilizada como recurso no ensino destas disciplinas através da criação de documentários de temática histórica, geográfica ou social. Este recurso propõe a integração das TIC de maneira envolvente e motivadora para os estudantes, usando elementos da linguagem visual, em uma experiência concreta de aprendizagem dentro do Colégio Pedro II localizado na cidade do Rio de Janeiro (Brasil) e no ensino universitário na disciplina “TIC como um recurso de ensino em artes e humanidades” na graduação em Educação na Universidade de Valência (Espanha).

Este trabalho, realizado como resultado da colaboração das duas instituições, tem como objetivo destacar esta metodologia de ensino que envolve a estruturação das TICs como um meio para tratar diversos conteúdos utilizando a linguagem comum dos estudantes atuais, muito

afastada dos padrões analógicos do passado. Atualmente a tecnologia está cada vez mais presente na vida e no cotidiano de todos, e é natural que as TICs sejam utilizadas para o mesmo propósito de tempos passados: melhorar o processo de ensino aprendizagem estimulando a curiosidade, criatividade e colaboração entre os alunos.

## MARCO TEÓRICO

De acordo com Navarro (2014, p. 68), a busca por novas maneiras de ensinar não é nova, a diferença são as ferramentas que podem ser utilizadas em cada período de acordo com as tecnologias disponíveis. Dessa forma, o uso das TICs nas escolas não deve ser visto como a solução de todos os problemas da educação, ela deve ser utilizada como uma ferramenta disponível para que os professores atuem para animar seus estudantes na difícil tarefa da aprendizagem. Ambros y Breu (2011, p. 23) chamam a atenção sobre o entusiasmo contemporâneo com as tecnologias educativas, que muitas vezes nos levam a uma tecnofilia. Os autores advertem que estamos rodeados de equipamentos audiovisuais, que sabemos ligar, desligar e escrever mensagem, entretanto, não sabemos ler formalmente um anúncio na TV ou em uma revista. Os professores devem ensinar que os meios de comunicação desempenham um papel importante em nossas vidas e é essencial compreendê-los e estudá-los.

Sobre isso, De Miguel (2013, p. 29) adverte que não tem sentido manter uma “escola analógica” quando a sociedade é digital. Em um contexto no qual ensinamos aos nativos digitais em uma sociedade em rede, é mais apropriado tirar proveito das enormes possibilidades das tecnologias disponíveis.

Mark Prensky escreveu em 2001 um artigo chamado “nativos digitais, imigrantes digitais” no qual defende a tese de que os estudantes de hoje nasceram em um mundo digital, são portanto, nativos digitais, e os nascidos em períodos anteriores seriam os imigrantes digitais. Segundo Mark Prensky (2001), um nativo digital é uma

pessoa que cresceu em íntimo contato com a tecnologia (computadores, a Internet, telefones celulares, MP3), ao passo que um imigrante digital é uma pessoa que cresceu sem a tecnologia digital e a adotou mais tarde.

Capel (2009) corrobora as ideias de Prensky e defende que os nativos digitais estão habituados a buscar e selecionar os conhecimentos que necessitam. Além disso, sabem integrar-se em redes e criá-las. Esses jovens podem difundir as informações científicas que possuem, e se fazem criadores colaborativos. O professor quando não se adapta a essa realidade pode até mesmo perder autoridade perante esses alunos.

O papel do professor também muda nesse novo processo ensino-aprendizagem que deve ser construído. Segundo Levy (1999, p. 171) “a principal função do professor não pode mais ser a difusão do conhecimento, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento”. Ainda segundo Levy (1999, p. 171) o professor deve “incitar à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc”.

Dentro deste contexto, é importante refletir sobre o uso das TICs no ensino de Geografia e História para estes nativos digitais. Acreditamos que há muitas maneiras de utilizar essas tecnologias, entretanto, neste artigo nos centraremos na produção de documentários pelos estudantes.

No ensino de Geografia e História, as TICs podem desempenhar um papel chave quando se utiliza diferentes softwares para, por exemplo, a elaboração de mapas, gráficos interativos e análises de fontes históricas. Ambros y Breu (2011, p. 118) indicam que o aumento da acessibilidade à manipulação digital permite aos estudantes exercer um maior controle criativo que antes não era possível, e além disso, permite explorar alguns aspectos conceituais do processo de produção, como a seleção e produção de imagens, de uma maneira mais direta e concreta. Também de acordo com os autores, um ponto chave é não

considerar a produção como um fim em si mesmo. O produto final não deve ser considerado como um fim, mas sim um procedimento.

De acordo com Souto González (1999, p. 170) não se pode modificar a forma de avaliação senão tivermos uma concepção alternativa dos conteúdos, dos objetivos e da organização da classe. Ainda segundo Souto González (1999, p. 172) os grupos mais inovadores de didática, preocupados com os problemas relacionados ao ensino e motivados em recuperar alunos com mais dificuldades, buscam como compatibilizar o saber teórico com a prática de ensino. E isso não se trata de voluntarismo, e sim de promover uma ação de justiça social que permitam que os alunos possam ser competentes no combate social e lutar por suas oportunidades como cidadão.

Segundo Bergala (2007, p. 115), durante muito tempo as ferramentas pedagógicas para o cinema eram fundadas em um modelo dominante e antigo: a voz do que sabe, decifra, comenta e analisa planos e sequências de um filme, em um modelo de ensino-aprendizagem que coloca o aluno apenas como receptor dos conteúdos. Isso mostra uma concepção muito tradicional de educação, onde só se utilizam os filmes para ilustrar uma aula, e que muitas vezes, dos quais são mostrados apenas trechos. Acreditamos que o ato de criação cinematográfico é essencial para que os estudantes desenvolvam sua criatividade e pensamento crítico.

Para Bergala (2007, p. 132) o ato de criação cinematográfico se divide em três operações mentais simples: a escolha, a provisão e o ataque. Esses três atos não correspondem a momentos específicos nem cronológicos da produção, mas se combinam em cada momento desta:

*Escolher - eleger algumas coisas dentro de muitas possibilidades;*

*Disposição - situar as coisas umas em relação as outras;*

*Atacar - decidir os ângulos ou o ponto de ataque sobre as escolhas eleitas e dispostas.*

É importante que os estudantes saibam por que estão filmando para que se alcancem os objetivos, não basta que seja somente uma tarefa avaliativa ou para apresentar na festa de fim de ano. Bergala (2007, p. 165) pergunta: Por quê e para quem filmamos? Para os alunos a experiência da criação cinematográfico na escola, espaço de intercâmbio e sociabilização, é indispensável e deve ser também apresentada para os pais, os colegas ou em festivais de cinema. Em um contexto educativo, o principal objetivo não é o filme como produto, e sim a experiência insubstituível de um ato, ainda que modesto, de criação. O êxito não pode ser mensurado pelos aplausos dos pais na festa de fim de ano – que sempre irão aplaudir esse tipo de trabalho. O que se deve avaliar é a coerência do processo.

Devemos refletir sobre como avaliamos a produção de um documentário produzido por estudantes. Sendo uma ferramenta subutilizada pelos professores, a produção de documentários na escola ainda levanta muitas perguntas sobre o que deveria ser avaliado. A técnica ou o conteúdo? O produto final ou o processo de produção? O trabalho colaborativo ou o individual?

## **METODOLOGIA**

A proposta que apresentamos é baseada na metodologia para o uso das TICs e sua integração no processo de ensino-aprendizagem. Com ela pretendemos formar um estudante que poderá integrar diferentes recursos através de uma produção audiovisual que esteja relacionada com questões sociais relevantes. Dessa forma, os alunos serão capazes de se desenvolverem de forma profissional e pessoal no mundo digital despertando sua capacidade de investigar, obter, avaliar, organizar e compartilhar informações em contextos digitais. Para isso, propomos um grupo de trabalho envolvendo a colaboração permanente entre os membros, permitindo dessa forma colocar as capacidades individuais a serviço de todas na aprendizagem colaborativa.

Para tanto, nos guiamos pelos seguintes princípios metodológicos (Sánchez Nielsen, 2012):

em primeiro lugar, no começo do curso acadêmico, o docente apresenta aos alunos um plano de trabalho com as diferentes atividades a realizar nas três fases da criação de um documentário: pré-produção, produção e pós-produção. Um planejamento bem preciso é fundamental pois facilita a organização dos diferentes recursos, facilita a gravação da obra de arte e ajuda na fase de edição do vídeo documentário.

Para realizar a atividade, os alunos são divididos em vários grupos de trabalho organizados por eles mesmos, mas levando em conta a distribuição da carga de trabalho entre todos os membros, evitando dessa maneira cargas de trabalho desproporcionais tanto individualmente como coletivamente. Após algumas seções teóricas onde se introduz o documentário apresentado suas características e técnicas de produção, os diferentes grupos que passam formalizar o trabalho e o docente passa a adotar um papel de guia ou mentor no processo de aprendizagem. A interação entre os alunos e o professor se produz durante as aulas, especialmente na pré-produção e pós-produção.

O professor durante todo o processo possui o papel de intermediador no processo de aprendizagem dos estudantes. No início do curso apresenta os paradigmas, fundamentos e conceitos básicos do assunto, e, a partir daí, torna-se um facilitador ou conselheiro, orientando os alunos a atingir os seus objetivos, fazendo perguntas incentivando-os a analisar, sintetizar e refletir sobre o documentário que está produzindo e a aprendizagem. Finalmente os alunos expõem os resultados da aprendizagem nas últimas sessões do curso e a avaliação dos vídeos é feita pelo professor – podendo ter ou não a participação dos alunos - analisando aspectos funcionais, técnicos e pedagógicos utilizando critérios que serão expostos ao longo desse artigo.

## **DESENHO DA PROPOSTA**

Para o desenho da proposta optamos pela divisão do processo de desenvolvimento da produção do documentário em três fases distintas

que permitem aos alunos a organização eficiente do trabalho. As três fases são: pré-produção, produção e pós-produção.

Gostaríamos de salientar que esta proposta foi criada a partir das experiências em situações muito diferentes: no Brasil, em uma escola de Ensino Básico, e na Espanha em uma universidade. Mas quando comparamos as duas experiências para escrever este artigo, notamos que os caminhos tomados por alunos e professores foram muito semelhantes. Assim, esta proposta pode ser implementada em qualquer campo da educação.

No caso de pré-produção, os estudantes reuniram-se em vários grupos por afinidade. Uma vez agrupados, os alunos escolheram uma questão social relevante e pertinente para o conteúdo abordado. O professor, neste caso, orienta e supervisiona os temas escolhidos pelos estudantes sem condicionar a escolha e sem restringir a liberdade de escolha dos alunos. Uma vez escolhido o tema, os alunos desenvolvem um roteiro tão preciso quanto possível das filmagens, tendo em conta o tempo disponível para a gravação de várias cenas, acrescentando, se necessário, entrevistas ou recursos de vídeo ou de áudio externo. Neste mesmo roteiro podemos considerar abordagens sobre a iluminação e os ângulos de câmera – elementos abordados durante as primeiras aulas. Sua incorporação melhora a narrativa dos mesmos, incorporando dinamismo e continuidade, necessário em uma produção desse tipo. Finalmente, o alunado transportará a proposta de roteiro a uma escaleta bem definida onde aparecerá claramente a história a ser contada.

Dependendo da complexidade do documentário podemos complementar o roteiro e o resumo com um *storyboard* (guião gráfico) como um conjunto de ilustrações em sequência, a fim de servir como um guia para a compreensão de uma história, visualizar uma animação ou seguir a estrutura de um filme antes para executar a filmagem. Isso ajuda os alunos a expor de maneira gráfica os diferentes elementos da linguagem audiovisual e incorporá-los mais facilmente

durante o processo de produção.

Uma vez definido esse processo, os alunos têm um tempo razoável para realizar a produção do documentário em questão tendo em conta os elementos produzidos durante a pré-produção. Esta fase, propriamente conhecida como produção, será a gravação, com o elemento tecnológico especificado pelos estudantes em todas as cenas. A ordem da gravação deverá ser especificada anteriormente tendo em conta os elementos necessários, como a iluminação e o som das cenas. Por exemplo, se o filme acontece em um espaço com a luz do dia, eles devem registrar os recursos fornecidos com essa luz para que a gravação seja necessariamente concentrada nesse período. Durante este processo, é provável que condições externas ou novos elementos exijam mudanças no *script* do documentário, embora devamos insistir para que essas mudanças nunca perturbem o significado, ordem ou tema do documentário em questão.

Após esta fase de produção, os estudantes entrarão numa nova fase, a mais delicada na produção do documentário. Aqui eles devem recolher todo o material gravado e passar para a edição seguindo o roteiro e a escaleta especificada na pré-produção. Nesta fase, que é conhecida como pós-produção e é basicamente a edição do material bruto através de programas de edição amadores ou profissionais, e a inclusão de elementos externos ao documento (por exemplo: recursos sonoros, plataformas de vídeo online...), transições de inserção entre as cenas, incluindo empréstimos ou outros elementos artificiais. Provavelmente durante a pós-produção, se o processo de gravação apresentou algum problema, os alunos podem sentir falta de algum elemento que poderá retardar todo o processo, por isso é importante que seja feito um bom planejamento. Para isso, o professor deve insistir em todos os momentos para a importância das duas fases anteriores, pré-produção e produção, para a conformação de todos os recursos que devem então ser editados. Se precisamos muito detalhadamente todos os elementos nas fases anteriores e os obtemos de forma organizada

durante a gravação, é improvável que façam falta novos elementos ao editar o material disponível.

A Tabela 1 apresenta uma proposta inicial a partir das experiências na Universidade de Valência e do Colégio Pedro II. São pontos onde o processo de criação é mais valorizado do que o resultado final. Juntamente a isto, durante todo o processo, o professor tem um papel muito importante que pode ser visto na Tabela 2.

Finalmente os conteúdos resultantes

são enviados para um repositório on-line de reprodução de vídeo, como o Youtube ou Vimeo, onde podem ser vistos pelo resto dos colegas de classe para posterior discussão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver as atividades de aprendizagem utilizando as tecnologias usadas atualmente por parte dos estudantes faz com

Pré-produção	Produção	Pós-produção	Produto final	O que se avalia?
<i>O grupo trabalhou colaborativamente para escolher o tema? Todos os membros conhecem o tema?</i>	<i>O roteiro foi seguido durante as gravações? Todos demonstraram domínio das ferramentas de gravação?</i>	<i>O grupo trabalhou colaborativamente na edição? Todos demonstraram domínio das ferramentas de edição?</i>	<i>Se percebe de maneira clara a participação de todos os membros do grupo?</i>	<i>Atitudes de colaboração e o papel de cada membro do grupo.</i>
<i>O roteiro está de acordo com o tema escolhido?</i>	<i>O tema foi respeitado durante a gravação?</i>	<i>Será que a edição respeita as idiossincrasias do assunto?</i>	<i>Corresponde ao tema escolhido?</i>	<i>A técnica do documentário.</i>
<i>O roteiro foi entregue nas datas corretas?</i>	<i>Foram respeitados os prazos de gravação?</i>	<i>A edição respeitou os prazos?</i>	<i>Foi entregue no prazo?</i>	<i>Prazos do documentário.</i>
<i>Os elementos da linguagem cinematográfica foram introduzidos no roteiro?</i>	<i>As convenções cinematográficas foram levadas em conta na gravação?</i>	<i>A edição segue as convenções e os elementos da linguagem cinematográfica?</i>	<i>Os elementos da linguagem cinematográfica estão presentes?</i>	<i>A técnica do documentário.</i>
<i>Os créditos foram pensados antes? Os créditos contém erros de ortografia?</i>	<i>Foi deixado espaço para os créditos no material filmado?</i>	<i>Os créditos foram inseridos corretamente?</i>	<i>O documentário possui créditos adequados sem problemas de design?</i>	<i>Créditos do documentário.</i>
<i>Os sons e as músicas foram levados em conta no roteiro? A legislação de direitos autorais foi respeitada?</i>	<i>O áudio foi gravado e armazenado adequadamente para a edição?</i>	<i>A edição de som foi adequada e harmoniosa com as cenas?</i>	<i>A música e os efeitos sonoros foram utilizados de maneira correta? Os efeitos sonoros possuem relação com as imagens e a narrativa?</i>	<i>Sons e música do documentário.</i>

**Tabela 1** | Aspectos avaliados na pré-produção, produção e pós-produção.

Fonte: Os autores.

Pré-produção	Produção	Pós-produção	Produto final	O que se avalia?
<i>Assessoramento externo aos alunos sobre o tema a escolher, supervisão dos temas escolhidos e dos roteiros resultantes.</i>	<i>Supervisionar o material bruto e aconselhar sobre sua possível edição posterior. O professor nunca gravará o material.</i>	<i>Acompanhamento da edição do material resolvendo as questões técnicas que possam surgir.</i>	<i>Avaliação da produção final.</i>	<i>Cada uma das fases da produção do documentário seguindo a tabela e o resultado final.</i>

**Tabela 2** | *O papel do professor na produção de documentários pelos alunos.*

Fonte: Os autores.

que eles mostrem um interesse contínuo pelo desenvolvimento da atividade e, a sua vez, criem um espírito colaborativo entre eles, com o fim de encontrar a melhor solução para os problemas que vão surgindo. Dessa forma uma aprendizagem contínua durante o processo de produção emerge por parte dos estudantes mediante uma atitude ativa e participativa.

A necessidade de ter que aplicar os conteúdos apresentados de forma teórica em sala de aula em problemas reais e mostrar a solução mediante a produção de conteúdos audiovisuais, fomenta o interesse pelo que se está ensinando em sala de aula. O interesse em desenvolver atividades de aprendizagem segundo a metodologia proposta tem feito com que os alunos tenham um grande êxito durante o processo.

Dessa forma, acreditamos que a produção de documentários em contextos educativos pode ser uma ferramenta fantástica para que os alunos desenvolvam um espírito coletivo de trabalho e, ao mesmo tempo, possam se aprofundar em temas relevantes dentro da disciplina assim como no uso crítico e criativo das tecnologias – tão presentes em nosso cotidiano.

Esses documentários podem conter trechos dos alunos interpretando algum personagem para introduzir os temas, como esse produzido pelos alunos do Colégio Pedro II sobre a desigualdade social:

<https://www.youtube.com/watch?v=4VzQo4b8KG8&feature=youtu.be>

Ou podem conter um modelo clássico de documentário como este produzido pelos alunos da Universidade de Valencia sobre a luta dos alunos contra a precarização da universidade pública na Espanha:

<https://youtu.be/VsfhTE3PuK8?list=PLarUAPom1nTeUwyaHeN0w2emOdg2hyqQW>

Os dois temas abordados nos vídeos são muito presentes no cotidiano dos alunos, e os afetam diretamente. Os professores devem assessorar os alunos no sentido de que esses temas escolhidos estejam dentro do contexto da disciplina e que mantenha padrões éticos ao ser roteirizado. E a liberdade criativa dos alunos também deve ser respeitada, dessa forma o trabalho será muito bom para os alunos e para o desenvolvimento da disciplina.

## REFERÊNCIAS

AMBRÓS, Alba; BREU, Ramon Pañella. **10 ideas claves**: Educar en medios de comunicación. La educación mediática. Barcelona: Graó, 2011. 230p.

BERGALA, Alain. **La Hipótesis Del Cine**: Pequeño tratado sobre la transmisión del cine en la escuela y fuera de ella. Barcelona: Laerte ediciones, 2007. 206p.

CAPEL, Horácio. La enseñanza digital, los campus virtuales y la Geografía. **Revista Ar@cne**, Revista electrónica de recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, Universidad de Barcelona, 2009. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/ aracne/ aracne-125.htm> Acesso em: 18 jan. 2013.

NAVARRO, Yan. **O impacto da criação de um grupo de pesquisa em uma escola de ensino básico**: uma reflexão a partir do NEPAG no colégio Pedro II. *Didáctica Geográfica*, n. 15, p. 61-78, 2014.

DE MIGUEL, Rafael. Aprendizaje por descubrimiento, enseñanza activa y geoinformación: hacia una didáctica de la geografía innovadora. **Revista Didáctica Geográfica**, n. 14, p. 17-36, 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

PRENSKY, Mark. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, october 2001. <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> Acesso em: 11 jul. de 2013.

SÁNCHEZ NIELSEN, Elena. Creaciones de contenidos audiovisuales producidos por los estudiantes como nuevo instrumento en el proceso de la enseñanza y aprendizaje: metodología y resultados. In: XVIII JORNADAS DE ENSEÑANZA UNIVERSITARIA DE LA INFORMÁTICA. 18., 2012, Ciudad Real. **Actas...** Ciudad Real, Universidad de Castilla-La Mancha, 2012. p. 223-230

SOUTO González, X. M. **Didáctica de la Geografía**. Barcelona: Ediciones del Serval, 1999.